

ANTÓNIO BARROS CARDOSO | CLAUDINE DURBIANO | EDUARDO CORDEIRO GONÇALVES

(Coordenadores Científicos)



Enoturismo
e Turismo em
**Espaço
Rural**


CENTRO DE ESTUDOS RURAIS E DESENVOLVIMENTO
FAPUR - FACULDADE DE AGRICULTURA
UNIVERSIDADE DE VILA RICA
ALAGOAS - BRASIL
APHVIN/GEHVID


EDIÇÕES
ISMAI

PATRIMÓNIO RURAL INTEGRADO NO ESPAÇO URBANO DO PORTO

ANA SÍLVIA ALBUQUERQUE

*Professora da Universidade Portucalense
Investigadora do GEHVID/U.P.*

O Renascimento englobou no seu movimento cultural o gosto pelos espaços ajardinados. A sua influência viria a sentir-se em Portugal, sobretudo a partir da primeira metade do século XVI nas quintas de veraneio construídas por nobres ou senhores eclesiásticos.

Foi o caso da Quinta do Prado, mais tarde, no século XIX, transformada em cemitério. Essa quinta, situada extramuros da cidade do Porto, junto ao rio Douro, surgiu pela iniciativa do Bispo Fr. Marcos de Lisboa para usufruição dos frades e constituiu, certamente, um paradigma para a localização de outras quintas; as quintas de Campo Belo, Santo António de Vale de Piedade, China e Virtudes, entre outras, também se debruçam sobre a sempre bela paisagem do rio Douro.

Mas seria no século XVIII que se viria a assistir a um forte incremento na construção de quintas em torno da cidade do Porto. É indissolúvel desse fenómeno a figura de Nicolau Nasoni. Tendo estudado na Toscana, naturalmente trouxe para Portugal a arte de inspiração renascentista com que estava familiarizado. A sua influência sente-se não só na arquitectura mas também na composição paisagística dos jardins.

De facto é Nasoni quem define “um eixo de simetria que, passando pelo centro da casa, se dirige, na medida do possível, para o rumo que lhe oferece a abertura a um mais profundo panorama, através de uma sucessão de terraços ligados por escadas (se o terreno é declivoso) ou marcado por uma alameda (se o terreno é plano)¹. A esse plano obedecem as quintas do Freixo, da Bonjóia, da Prelada, de Ramalde e do Chantre, e ainda a Quinta de Santo Ovídio².

Nasoni, tendo-se notabilizado pelas pinturas que realizou no Palácio dos Grão-Mestres, em La Valetta, ilha de Malta, terá sido convidado a vir para o Porto em 1725 por Roque de Távora, vice-chanceler da Ordem de Malta. Ora, Roque de Távora era irmão do Deão do Cabido do Porto, D. Jerónimo de Távora de Noronha Leme Cernache, o qual encomendou a construção da Quinta do Freixo, situada junto ao rio Douro, em Campanhã, a Nasoni³. A quinta pertencera a seu pai

¹ Araújo, Ilídio (1979). *Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto*. Porto, p. 9. In: Andresen, Teresa & Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições INAPA, p. 23.

² Araújo, Ilídio. (1979). *Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto*. Porto, p. 9. In: Andresen, Teresa & Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto...* p. 23.

³ Smith, Robert. (1973). *Nicolau Nasoni. 1691-1773*. Lisboa: Livros Horizonte.
Smith, Robert. “Nicolau Nasoni. Arquitecto do Porto”. *O Tripélio*. VI série. Ano VI, n.º 7. Julho

D. António de Távora e Noronha Leme Cernache, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e vereador da cidade do Porto em 1706, pelo seu casamento com D. Micaela Antónia Freire. Era ainda Senhor de Gaia-a-Grande, senhor das Terras de Távora e dos morgados dos Cernaches em Chaves e em Macieira de Sarnes e dos Lemes, em Loivos da Ribeira, e padroeiro das igrejas de Santa Eulália de Macieira de Sarnes, de S. Pedro de César e de Santa Maria Madalena de Loivos da Ribeira⁴.

D. Jerónimo⁵ foi o mais velho dos 15 filhos que teve e quando sucedeu ao tio no cargo de Deão da Sé mandou edificar o palácio⁶.

Os jardins foram construídos sobre terraços com balaustradas de pedra que rematavam num muro-cais sobre o rio e de onde se obtinham vistas magníficas sobre ambas as margens. Nos vários patamares abundavam fontes e jogos de água, estátuas, balaustradas e outros ornamentos em granito tais como cestos com frutas, que Robert Smith identifica como motivo típico de «arte jardineira italiana»...⁷

Após a morte de D. Jerónimo de Távora, em 1754, a Quinta do Freixo entra num período de decadência até ser vendida em 1850 a António Afonso Velado, futuro visconde do Freixo, que era na altura um comerciante de grosso trato do Porto que fez fortuna no Brasil. As intervenções que mandou fazer na quinta modificaram a traça original, embora a tivessem revigorado⁸.

Quando o rei D. Luís se deslocou ao Porto para inaugurar a obra na Linha do Minho, em Julho de 1872, foi no Palácio do Freixo que foi recebido. O galeote real chegou ao cais do palácio no meio de grande festa e euforia, tal como o registou o jornal *O Comércio do Porto*, salientando o valor dos jardins e da paisagem:

1966, pp. 193-199. In Andresen, Teresa & Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto...* p. 23.

⁴ CERNACHE, D. Henrique Leite Pereira de Paiva Távora e Cernache – *A Casa de Campo Belo: Cernaches, Senhores de Gaia-a-Grande*, “História de Gaia”, fasc. 13, pp. 468-470, in NUNES, Ana Sílvia Albuquerque O. (1999). *História Social da Administração do Porto: 1700-1750*. Porto: Universidade Portucalense, p. 70.

⁵ Jerónimo de Távora e Noronha Leme Cernache não foi vereador da cidade do Porto, como o tinha sido seu pai. Mas o irmão, Vicente de Távora e Noronha Leme Cernache, ocupou essa função em 1749 e em 1752 e foi a Almotacé em 1750, 1753 e bastante mais tarde em 1779 (foi conselheiro da primeira Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, provedor da segunda, vice-provedor da terceira e conselheiro da quarta, ou seja, fez parte da Administração da Companhia desde 1757 a 1775). Ver a este propósito: Nunes, Ana Sílvia Albuquerque. (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas*. Tese de Doutoramento policopiada, Porto.

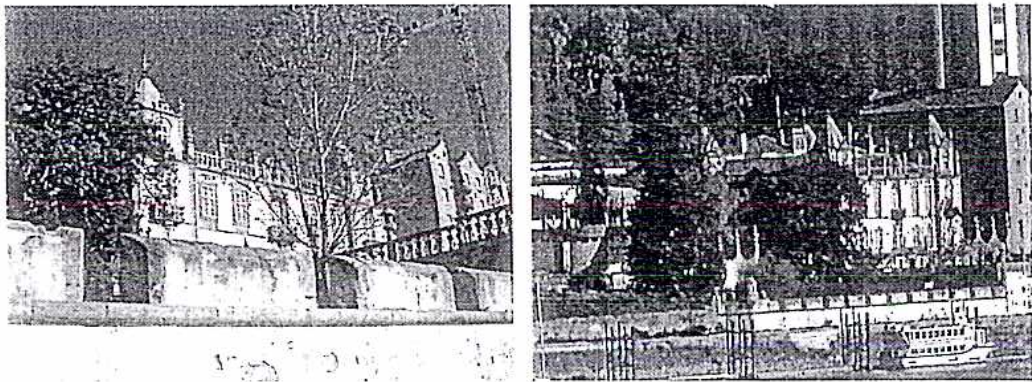
⁶ O Palácio do Freixo estava em construção em 1750. Ver – Ponte, Brigadeiro Nunes da, “Casas Antigas do Porto” (II). *O Tripeiro*, V série, Ano VIII, n.º 3, Julho 1952, pp. 69-72. In Andresen, Teresa e Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições INAPA, p. 23.

⁷ Andresen, Teresa & Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições INAPA, p. 24.

⁸ Andresen, Teresa e Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto*. INAPA, p. 24.

A recepção feita pelo Sr. Barão do Freixo, no seu magnífico Palácio, foi brilhantíssima. Num certo espaço de tempo tudo faustosamente se preparou ali para esta honrosa homenagem que deve ficar memorada brilhantemente naquela Casa, já tão notada por todos os esplendores com que o bom gosto do seu proprietário a tem enriquecido, acrescentando todos os atractivos do luxo mais opulento às inexcedíveis belezas naturais que o recomendam e tornam apreciável a todos aqueles para quem não são indiferentes os belos e grandes espectáculos da natureza⁹.

Após a morte da Viscondessa, o palácio foi vendido e foram instaladas indústrias nos seus jardins (Moagens Harmonia) fortemente causadoras da sua destruição. Actualmente, o palácio pertence ao Estado Português, restando apenas dos seus jardins os terraços a sul e poente da casa, algumas balaustradas e outros elementos construídos e um lago no terraço sul, junto ao rio.



A Quinta do Freixo

A *Quinta da Prelada* é considerada, actualmente, um dos mais notáveis e grandiosos exemplos da arte dos jardins do Porto¹⁰, e em 1758 como “*hua quinta que passa pella melhor destas Provincias*”¹¹. Foi delineada por Nasoni para D. António de Noronha e Meneses de Mesquita e Melo¹², de que era proprietária

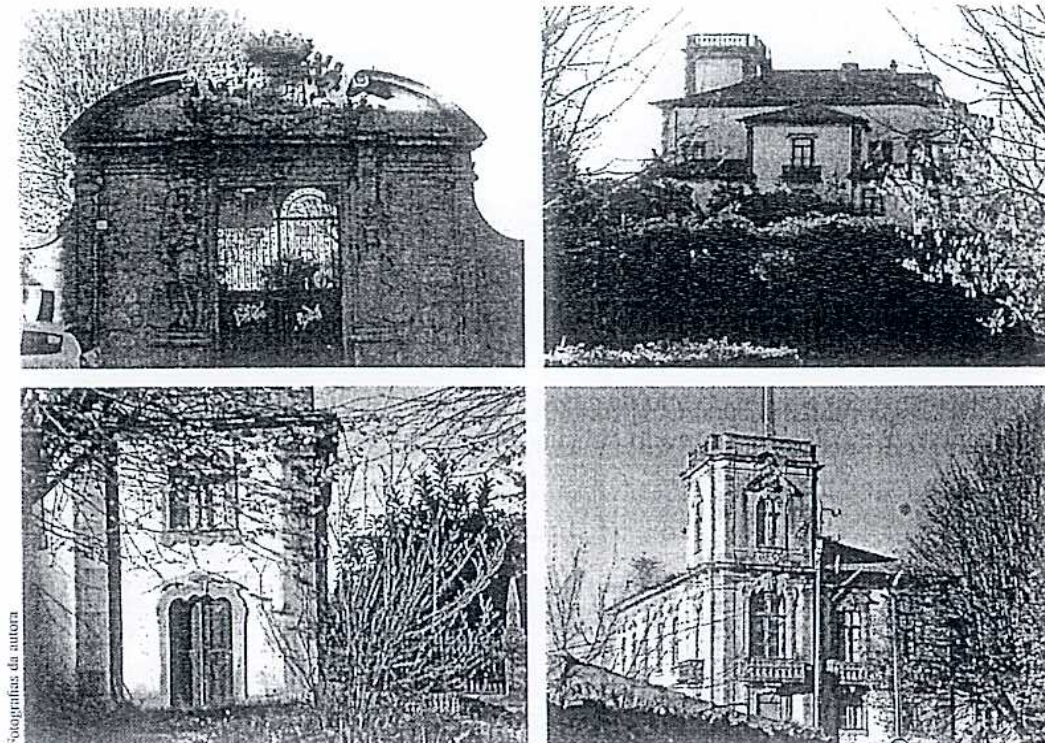
⁹ *O Comércio do Porto*, n.º 152, Julho de 1872. In Andresen, Teresa e Marques, Teresa (2001). *Jardins Históricos do Porto...* p. 24.

¹⁰ Ver Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* pp. 25-29.

¹¹ Memórias Paroquiais na Divisão Administrativa do Porto em 1758. In *Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo XXXI, n.º 6 (23-30).

¹² D. António de Noronha e Meneses de Mesquita e Melo era fidalgo da Casa Real, senhor da Quinta das Corujeiras, foi dos vereadores com maior presença no Poder na 2.ª metade de Setecentos – 19 anos (1753, 1757, 1761 a 1776, 1781 a 1783); Almotacé em 1754, 1758, 1762 -1777, 1782 e 1784 e várias vezes G.M.S.; ver Nunes, Ana Sílvia Albuquerque (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas*. Tese de Doutoramento policopiada, Porto, p. 167.

FELGUEIRAS GAYO, M.J.C. – *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Costados, tomo 1, fl. 74; tomo 21. tt. Noronhas § 16; tomo 20. tt. Machados § 27, Braga: Carvalhos de Basto, 1990.



A Quinta da Prelada

sua mulher e prima D. Mariana Isabel de Mesquita e Noronha, por herança de seu tio D. Bartolomeu de Noronha e Meneses¹³.

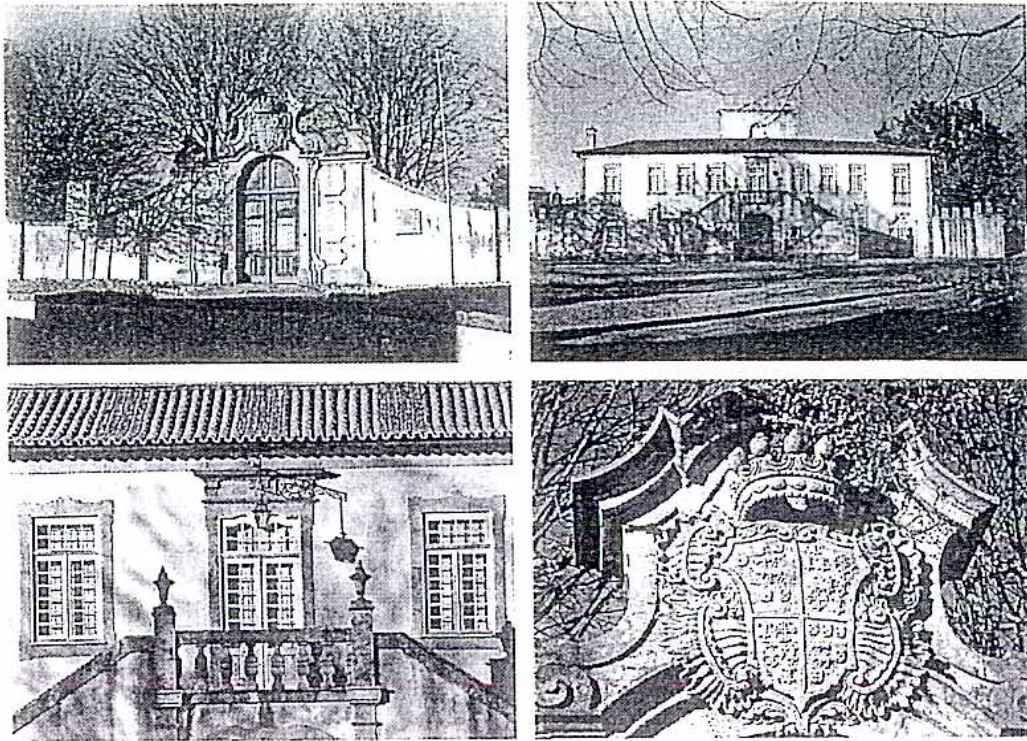
A casa foi legada à Santa Casa da Misericórdia que construiu um hospital no seu terreno (Hospital da Prelada) e um parque de campismo na antiga mata. Essas intervenções, a par da Via de Cintura Interna que atravessa o terreno da quinta, desvirtuaram uma das quintas de recreio de maior importância do Porto.

A *Casa de Ramalde* está igualmente ligada a Nasoni e à elite do governo municipal de Setecentos. Foi cabeça de um morgadio instituído por João Dias Leite no século XVI, tendo aí vivido no período do nosso estudo, Jerónimo Leite Pereira Pinto do Lago Guedes, F.C.R. (casado com a irmã da morgada de Ramalde, dona da casa¹⁴) e vereador na cidade do Porto. Nasoni terá sido por ele chamado¹⁵ para intervir na

¹³ Vereador da 1.ª metade do século XVIII: Ver NUNES, Ana Sílvia Albuquerque O. – *História Social da Administração do Porto: 1700-1750...* pp. 92, 313, 326 e “Quadro Geral da Elite dos Oficiais da Cidade do Porto –1700-1750”.

¹⁴ Jerónimo Leite Pereira Pinto do Lago Guedes, F.C.R., filho de Miguel Pereira Pinto, F.C.R., morgado do Arco, e de D. Ana Maria Pereira Coutinho, casado com D. Francisca Luísa Leite Pereira (irmã da morgada de Ramalde), filha de *Francisco Gomes da Silva*, cavaleiro da Ordem de Cristo, vereador da cidade do Porto em 1721 e de sua mulher D. Maria Leite Pereira, morgada de Ramalde. In Nunes, Ana Sílvia Albuquerque (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas...* p. 157.

¹⁵ Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* p. 30.



A Casa de Ramalde

casa e jardins, mas ao que parece não chegou a concluir os planos iniciais, como se verifica pelo seguinte parecer de Ilídio de Araújo:

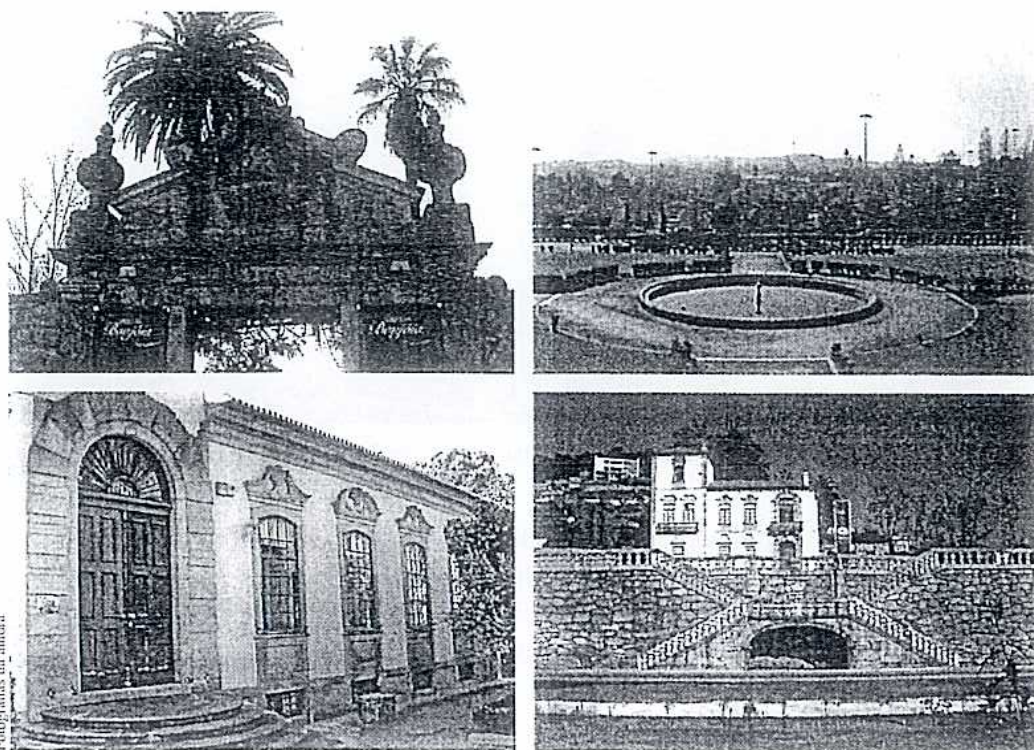
“Um Caminho situado à retaguarda da casa e perpendicular a ela, no enfiamento da torre, caminho que atravessa um tanto extemporaneamente terras de sementeira, parece revelar a intenção de uma composição simétrica nos moldes das quintas da Prelada e do Chantre, e que não terá sido levado a cabo”¹⁶.

A *Quinta de Bonjôia* pertenceu no século XVIII a D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo¹⁷, F.C.R., cavaleiro O.C., mestre de campo de Infantaria Auxiliar do Terço da Cidade do Porto, senhor do Morgado de Vilar de Mouros, casado com D. Maria Violante de Amorim (filha de João Antunes Guimarães, cavaleiro da Ordem de Cristo, homem de negócios da cidade do Porto, almotacé e procurador da cidade do Porto¹⁸). Cerca de 1759, D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo

¹⁶ Araújo, Ilídio – *Arte Paisagística e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização – Centro de Estudos de Urbanismo, 1962, p. 197.

¹⁷ Ver informações sobre D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo in Nunes, Ana Sílvia Albuquerque O. – *História Social da Administração do Porto: 1700-1750...* pp. 91, 320, 331 e Quadro Geral da Elite dos Oficiais da Cidade do Porto – 1700-1750.

¹⁸ Ver informações sobre João Antunes Guimarães in Nunes, Ana Sílvia Albuquerque O. – *História Social da Administração do Porto: 1700-1750...* pp. 91, 317, 330 e Quadro Geral da Elite dos Oficiais da cidade do Porto – 1700-1750.



A Quinta de Bonjóia

decidiu mandar construir um novo palácio na propriedade, cuja autoria se atribui a Nasoni. Nas Memórias Paroquiais na Divisão Administrativa do Porto em 1758, a quinta consta ser uma “*das melhores, que ham nas vezinhanças do Porto, em rezão das muitas agoas, que a fertilizão*”¹⁹.

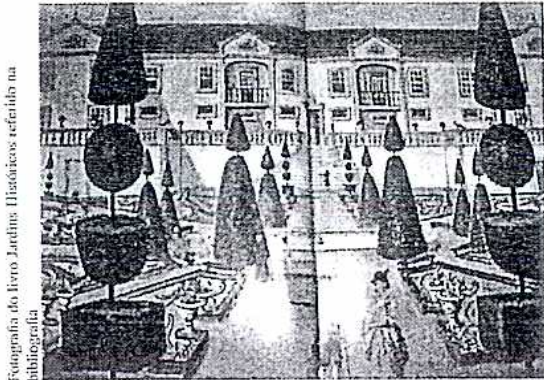
A casa ficou inacabada tal como a da Prelada.

A *Quinta de Santo Ovídio*, inicialmente denominada de Quinta da Boa Vista, (acabou por ser conhecida como Quinta da Figueiroa, existindo ainda hoje uma travessa transversal à Rua de Cedofeita chamada “da Figueiroa”), pertenceu a João de Figueiroa Pinto, F.C.R., contador da Fazenda do Porto, comendador da Comenda de Santa Maria Madalena na Ordem de Cristo, alcaide-mor na Vila de Portel e senhor donatário na Vila de Porto Carreiro e vereador na cidade do Porto, pai de outro vereador da cidade do Porto e herdeiro da mesma quinta, Manuel de Figueiroa Pinto²⁰. A actual Rua da Boavista foi aberta em terrenos pertencentes a esta quinta (que deu o nome a essa rua, à Rotunda e à Avenida da Boavista) cedidos no tempo de Manuel de Figueiroa Pinto em finais do século XVIII. Veio a pertencer depois da sua

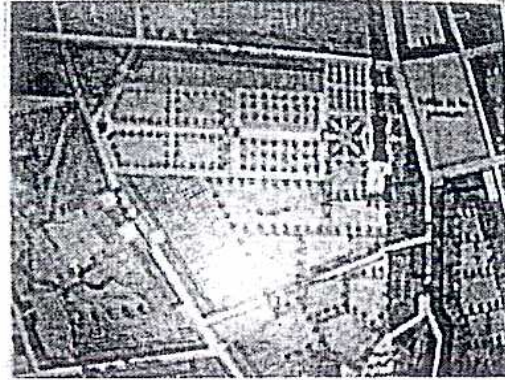
¹⁹ Memórias Paroquiais na Divisão Administrativa do Porto em 1758. In *Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo XXXI, n.º 6 (23-30).

²⁰ Ver informações institucionais e genealógicas em Nunes, Ana Sílvia Albuquerque (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas*, capítulo da fidalguia.

A Quinta de Santo Ovídio



Fotografia do livro Jardins Históricos referido na bibliografia



(A.H.M.P.)

Pintura a óleo dos jardins fronteiros à fachada da ponte de autor desconhecido, s/data

Planta de J. de Costa Lima, 1839.

morte ao seu parente e afilhado Manuel Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Miranda e Figueiroa, 1.º visconde de Beire (filho do vereador José Pamplona Carneiro Rangel). Sucedeu-lhe a sua filha D. Maria Balbina Pamplona Castro Rangel (condessa de Resende pelo seu casamento com D. António Benedito de Castro), que legou a quinta aos netos. No entanto, o seu filho D. Manuel Benedito de Castro, já em finais do século XIX, para fazer face a despesas inerentes à educação dos seis filhos que tinha, obteve autorização da família para parcelar e vender os terrenos da quinta, abrindo uma rua (a Rua Álvares Cabral) que ligasse o Campo de Santo Ovídio (actual Praça da República) à Rua de Cedofeita, correspondendo o traçado dessa rua à avenida central do jardim e, conseqüentemente, acabando por atravessar a parte central da casa, que por isso foi demolida²¹.

A *Quinta de Campo Belo*, construída por Álvaro Anes Cernache, nono avô de Diogo Francisco Leite Pereira, F.C.R., F.S.O., cavaleiro professo na Ordem de Cristo, senhor da Casa de Campo Bello e de Gaia-a-Pequena, morgado de Monte Areol e senhor da Casa das Quebradas e da Capela do Espírito Santo, o qual foi vereador na cidade do Porto (e pai dos igualmente vereadores da cidade do Porto, Francisco António Leite Pereira, F.C.R., Diogo Leite Pereira de Lima e Melo e Pedro Leite Pereira de Melo).

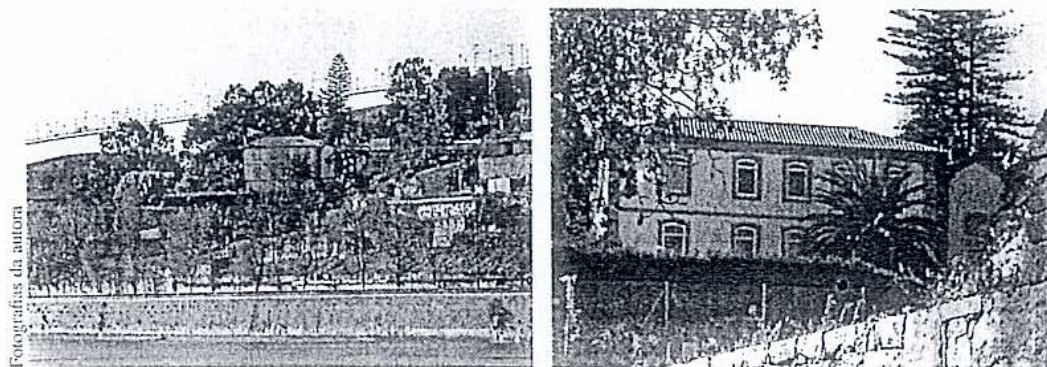
A intervenção de Nasoni nesta quinta deve ter-se verificado ao nível dos jardins, devido a certos pormenores característicos do seu estilo, o que seria perfeitamente credível já que os Leite Pereira, senhores da mesma quinta, são primos co-irmãos dos Távoras Leme Cernache²².

²¹ Valente, Vasco – Achegas arqueológicas e iconográficas – Casa e Quinta de Santo Ovídio. *O Tripeiro*. Série V, Ano V, n.º 4, Agosto, 1949, pp. 80-82. In Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* pp. 34-40.

²² Ver informações institucionais e genealógicas em Nunes, Ana Sílvia Albuquerque (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas*. ... p. 168; sobre a quinta ver Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* pp. 30, 32-33

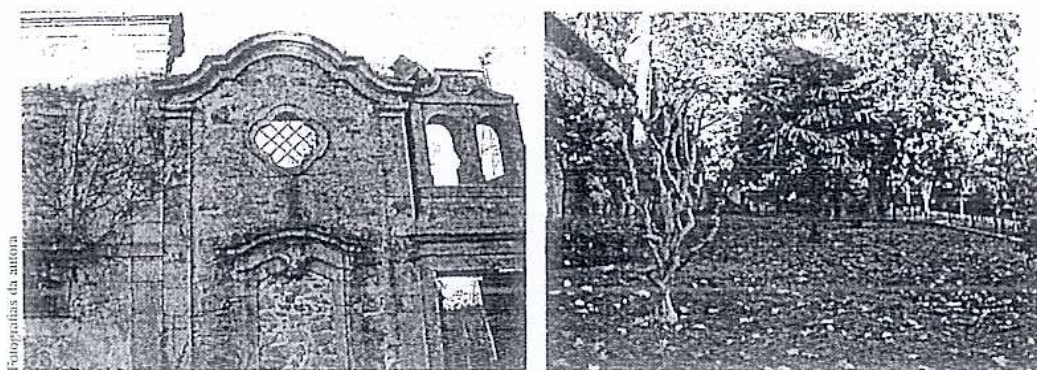
A *Quinta da China* pertenceu a João Lopes Ferraz, homem de negócios²³, sendo posteriormente vendida a António Martins de Souza e Olinda Perez, pais de Aurélia e Sofia de Souza, pintoras de renome²⁴.

Aurélia de Souza reproduziu em várias das suas telas as paisagens do Douro que avistava da sua quinta, nomeadamente, *Paisagem – Margens do Douro*.



A Quinta da China

A *Quinta do Covelo*, anteriormente denominada de Quinta do Lindo Vale e de Quinta da Bela Vista, foi fundada por volta de 1720 por Pais de Andrade, F.C.R. foi mais tarde vendida a Manuel José do Covelo, de quem mantém a designação, sendo quem a mandou cultivar e ajardinar. Transitou mais tarde para Manuel Pereira da Rocha Paranhos, ficando também a ser conhecida por Quinta dos Paranhos²⁵. Desempenhou um papel importante durante o Cerco (1832-34) pela sua posição estratégica. Actualmente pertence à Câmara Municipal do Porto que construiu circuitos de manutenção na mata e zona lúdica para crianças. A casa está em ruínas conforme se pode ver nas imagens.



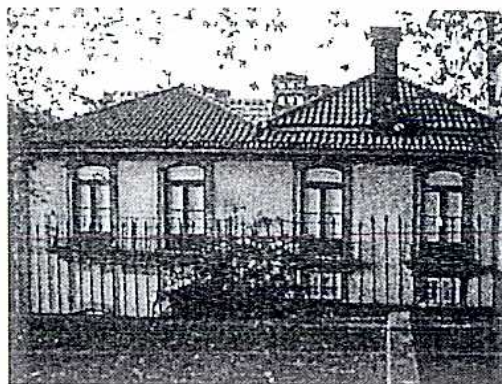
A Quinta do Covelo

²³ João Lopes Ferraz foi almotacé na cidade do Porto em 1711; ver informações institucionais e genealógicas em Nunes, Ana Sílvia Albuquerque (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas...* p. 349; sobre a quinta ver Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* p. 41.

²⁴ Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* p. 41.

²⁵ Ver Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* p. 40

Outra quinta digna de nota foi a *Quinta das Virtudes* de José Pinto de Meireles (almotacé na cidade do Porto²⁶). O Horto da Quinta das Virtudes tornar-se-ia o mais famoso da cidade do Porto de entre vários que existiram no século XIX. Nos anos 60 do século XX, a quinta foi comprada pela Câmara que, posteriormente, procedeu a obras com a finalidade de aí criar um parque público²⁷.



Fotografias do autor

A Quinta das Virtudes

Neste trabalho elaborado para as primeiras Jornadas Internacionais sobre Enoturismo e Turismo em Espaço Rural, pretendi percorrer as quintas mais significativas do Porto setecentista; algumas delas situavam-se ao tempo em espaço rural no termo da mesma cidade, outras foram assimiladas pela urbanização crescente, desaparecendo o seu vestígio construído mas transmitindo a toponímia às ruas a que cederam o lugar. As fotografias, na sua maioria, patenteiam a visão do turista actual ao percorrer os lugares referenciados, demonstrando que nem sempre é fácil usufruir da beleza das descrições que constam em livros ou eventuais brochuras sobre as quintas por não ser possível o acesso desejável. E, como os locais não vivem sem as suas gentes, foi nesse sentido que foram retratados de alguma forma os seus proprietários, na sua maioria pessoas que estiveram ligadas ao Governo municipal do Porto no século XVIII.

²⁶ Ver informações sobre José Pinto de Meireles Nunes em Ana Sílvia Albuquerque (2005). *Municipalismo e Sociedade. A Cidade do Porto: Desde o Advento de Pombal até às Invasões Francesas...* pp. 38, 316. Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto...* pp. 59, 63.

²⁷ Ver Andresen, Teresa; Marques, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto* p. 59